



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**LIÇÕES DE IMANI E PONCIÁ: O OLHAR FEMININO NO
TRANÇADO DO TEXTO E DA VIDA**

Francis Paulina Lopes da Silva¹

Diz a mãe: a vida faz-se como uma corda.

É preciso trançá-la até não distinguirmos os fios dos dedos.

(COUTO, 2015, p. 13)

Resumo: Análise dos romances *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo e *Mulheres de Cinzas*, de Mia Couto, como instrumento pedagógico de incentivo à leitura reflexiva da identidade nacional e resgate das origens da cultura negra, tão presente na formação da nação. Nas reminiscências e sonhos da trajetória errante de Ponciá e nas reflexões de Imani, jovem Vaxopi, durante a guerra no Sul de Moçambique, no final do século XIX, as marcas femininas e étnicas tecem criticamente a trama da História e da vida.

Palavras-chave: Africanidades; Literatura e ensino, Identidade cultural.

¹Doutora em Ciência da Literatura, pela UFRJ. Professora Adjunta aposentada da UFV. Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. (francis.pls54@gmail.com)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A literatura como provocação à leitura crítica do mundo

O encontro prazeroso com a Arte propõe um caminho sempre novo e especial de interação com o mundo. O convívio com o texto literário será sempre, mesmo que incômodo, inesperado, provocador, um eficaz exercício de cidadania, fruição estética e conscientização em todos os tempos, lugares e culturas. Os artesãos da palavra, à sua maneira expressam uma visão crítica da sociedade, o inconformismo e a consciência de estar no mundo, sempre em relação com o outro e em busca de novas alternativas.

Aqui se propõe um exercício de leitura de dois romances: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Mulheres de cinzas* (2015). O primeiro, obra de autoria feminina – a brasileira Conceição Evaristo –, em linguagem coloquial e poética, recupera, no trançado dos fios da memória da escravidão africana no Brasil, marcas da exclusão de um povo, mas sem perder de vista a sua consciência étnica, o orgulho da própria raça, família e cultura. O segundo livro, romance histórico escrito pelo moçambicano Mia Couto (1955), trata da guerra entre africanos e portugueses, no sul de Moçambique, em fins do século XIX, alternando as anotações pessoais de Imani, jovem VaChopi, com as cartas do militar português Germano de Melo, encarregado do posto do vilarejo Nkokolani, ao seu superior, Conselheiro José d'Almeida. Entre duas vozes dissonantes, registrando impressões desastrosas da guerra no cotidiano de todos, aqui se destaca o discurso de Imani, em seu protagonismo como mulher negra moçambicana, num contexto de exclusão e luta por sobreviver na fronteira entre a cultura de seu povo e do colonizador.

A leitura destas obras terá como enfoque a relação Literatura e Educação, enfatizando-se a importância do texto literário como instrumento provocador para a leitura crítica da realidade. Na sociedade atual, entre tantos resquícios de uma prática de discriminação e exclusão da mulher, do povo afrodescendente e daqueles indivíduos que, por sua cultura, diferenciam-se do convencional, o contato com a arte da palavra e a reflexão a partir de suas instigações ao



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

imaginário do leitor, torna-se um recurso sugestivo de conscientização e transformação pessoal e social.

A utilização do texto literário deve ser sempre um convite a esse exercício de fruição estética, já que em todos os tempos, as Artes serviram à humanidade, como uma forma prazerosa de, pelo distanciamento do real, suscitar a leitura da própria vida em sociedade, da cultura, história e identidade de um povo. O poeta e crítico norte-americano Ezra Pound (1885-1972) afirma que “Os artistas são as antenas da raça” (POUND, 2006, p. 77). Sob a ótica criativa e atenta do artista, indivíduo e mundo se confrontam no jogo estético, entre signos e significantes sugestivos de novo olhar sobre a vida e o mundo.

A obra de arte resulta da experiência de leitura do mundo e de tantos outros discursos, assimilados, ‘ruminados’, que o artista reinterpreta, recria e oferece ao leitor-expectador, sob roupagem artística. Observa Paulo Freire que a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra (Cf. FREIRE, 1989, p. 19). A leitura é, portanto, um ato social que resulta do confronto do texto com a experiência vivida do sujeito leitor – individual e público – e sugere a tradução do que é expresso no contexto da obra para o contexto do sujeito.

O texto literário, por assimilar memórias da fala, da escrita, de mitos expressivos de determinada cultura e identidade, traz implícita a riqueza e complexidade de um saber social que se sugere ao leitor, como observa Sartre, no confronto com o texto literário, “[...] a coletividade passa à reflexão, adquire uma consciência infeliz, uma imagem não-equilibrada de si mesma, que ela busca incessantemente modificar e aperfeiçoar” (SARTRE, 1989, p. 217).

Ponciá Vicêncio: o percurso identitário moldado no barro da memória

A história de vida e convivência de Conceição Evaristo (1946) com a realidade afrodescendente emerge no romance *Ponciá Vicêncio*, impregnada de um lirismo suave e delicado, capaz de enredar o leitor na trama existencial da personagem Ponciá e sua família.

Sobre a obra, Eduardo de Assis Duarte observa que:



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O texto de *Ponciá Vicêncio* destaca-se também pelo território feminino de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica. É desse lugar marcado pela etnicidade que provêm a voz e as vozes-ecos das correntes arrastadas. Vê-se que no romance fala um sujeito étnico, com as marcas da exclusão inscritas na pele, a percorrer nosso passado em contraponto com a história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial. Mas, também, fala um sujeito gendrado, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito (DUARTE, [2015]).

A autora dedica a obra, inicialmente, a uma das irmãs, como a denotar a cumplicidade de sua história de vida com toda a trama ficcional: “Este livro é de uma minha irmãs, a mais velha, a que nunca talvez irá lê-lo, pois há anos que Maria Inês se assemelha a Ponciá Vicêncio, e se guarda em seu mundo” (EVARISTO, 2003, p. 5)². E, mais adiante, dedica-o à mãe: “É de minha mãe, que tanto sabe do tempo de espera...” (PV, p. 5). Esses indícios já sugerem, sutilmente, o olhar testemunhal da narradora, diante de uma história traumática que remonta aos tempos da escravidão negra no Brasil, cujos resquícios ainda persistem na sociedade atual.

O próprio sobrenome “Vicêncio” já demarca a herança escravagista da família de Ponciá. O avô recebera do senhor da terra onde viviam e trabalhavam. Assim, em sua trajetória de vida, itinerante e sempre em busca de identidade e sentido, experimenta o vazio, até mesmo no próprio nome: “Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era um nome que não tinha dono” (P.V., p. 29). E buscava identificar-se com esse nome; copiava-o várias vezes, como num autoflagelo, tentando “[...] encontrar o seu eco” (PV., p. 29).

No romance, intercalam-se episódios, histórias, mitos, sonho e realidade, desvelando-se a menina e a mulher Ponciá, num jogo entre passado e presente, feito de reminiscências. Antes, tudo eram sonhos e esperanças de um futuro

² As demais citações desta obra terão, no corpo do trabalho, a seguinte referência: (PV, p. ...).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

promissor para a menina que “gostava de ser menina [...] de ser ela própria” (*P.V.*, p. 13). Temia passar sob o arco-íris para não virar menino, corria ao vento no milharal, ou ia à beira do rio, buscar argila para fazer potes, bichinhos e panelas de barro, como a mãe.

Mas, confrontando, aos poucos, como a ajuntar as peças da memória, descobre-se em conflito com sua história familiar de frustrações e perdas contínuas, resquícios da amarga experiência dos antepassados, com a escravidão e suas consequências. A referência de Ponciá era Vô Vicêncio, que lhe deixara o inconformismo por herança. Sua história a envolvia em indagações e mistérios e a fascinava, com sua obsessão por rebelar-se contra o jugo escravagista, chegando ao ponto de matar a mulher e atentar contra a própria vida, decepcionado, quando três ou quatro de seus filhos foram vendidos, mesmo após a lei do “ventre Livre”. Para não ser colocado à venda, decepcionou a própria mãe. Ponciá o trazia presente nas lembranças e aos poucos, ia assimilando a sua maneira corajosa, original e criativa de resistir e rebelar-se contra toda forma de submissão.

Essa rebeldia libertária do avô, incompreendida pela própria família era respeitada, mas revoltava também seu filho, o pai de Ponciá, que, embora sofresse as marcas das humilhações, “[...] foi crescendo e aprendendo a disfarçar o que lá dentro vinha. Não chorava e nem também guardava o riso” (*P.V.*, p. 30). Vivia longe da família, com o filho, Luandi, trabalhando na lavoura e de tempos em tempo, voltava a casa, buscava peças de barro trabalhadas pela mulher, para vender na cidade. Sua morte foi um apagamento, narrado poeticamente, como se fosse resgatado da memória de Ponciá:

E numa tarde clara, em que o sol cozinhava a terra e os homens trabalhavam na colheita, enquanto todos entoavam cantigas ritmadas com o movimento do corpo, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu (*P.V.*, p. 30).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A mãe de Ponciá, Maria Vicêncio, com quem a menina passava todo o tempo, detinha a liderança da família e nunca reclamava, embora vivesse a maior parte longe do marido e este, mesmo resmungando, obedecia-lhe as ordens. Com a mãe, Ponciá aprendia a arte de moldar a argila e a vida, espelhada na sabedoria dos antepassados.

Sobre a liderança feminina neste romance, observa Duarte que:

A força e o poder das mulheres ficam também evidenciados no romance, mesmo quando há uma aparente fraqueza ou mesmo quando as mulheres sofrem até um visível domínio, [...]. O romance destaca as dores, as angústias, as violências que as mulheres sofrem, a solidão que elas enfrentam, mas ao mesmo tempo mostra essas mulheres em busca da vida, exhibe o eterno ato de se reconstruir que elas executam no dia-a-dia (DUARTE, [2015]).

A história de Ponciá se vai desvelando em fragmentos narrativos do presente, evocando o passado, como num esforço por encontrar e explicar suas tantas indagações. Vai se delineando a busca de uma vida melhor, decidindo sair do povoado para cidade, após a morte do pai: “Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia” (*P.V.*, p. 33). Na cidade, foi morar na favela, conseguiu trabalho, casou-se, como tantos outros desterritorializados, mas constata o grande vazio que ali também viria a prolongar a suas derrotas. Decepciona-se com o marido, bruto, acomodado com a rotina de pedreiro, também vítima desse mesmo passado. Perdera os sete filhos que gerara e se deixa cair numa total ausência, isolando-se em suas recordações, sem cuidados com a casa, comida, o marido.

Num vislumbre de esperança, ela tenta voltar ao povoado, sonhando reunir a mãe e o irmão na cidade. Retornando àquelas terras, constata: “Todos ainda sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno” (*P.V.*, p. 49). Revisitando a casa materna, de barro limpo, mesmo sem encontrar ninguém, viaja ao passado, reencontra o conforto de suas origens, mas constata a dor da



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

ausência da família. Resgata, no velho baú, o homem de barro, o avô com o braço cotoco, que ela esculpira na infância e que a acompanharia pela vida afora, como um amuleto. Assim, retorna à cidade, decidida a reencontrar os seus. Mas cai em estado de inanição e vazio, agora, sentindo sempre as mãos a coçar e sangrar. Até o homem de Ponciá, arrependido por maltratá-la, procurou aceitá-la na dor de seu isolamento.

Luandi, o irmão, fora para a cidade à procura da irmã e de trabalho. E enfim, a mãe, Maria Vicência vai, decidida ao encontro dos filhos, num esforço de resgatá-los, de volta ao estado primordial. Reencontra Luandi, também marcado pelas consequências da violência e preconceito e sua presença o conforta. E quando Ponciá, em delírio, desceu o morro, decidida a tomar o trem de volta ao rio, “para as águas-mãe” (P.V. p. 124) e reencontra o irmão na estação, finalmente, a mãe os reconduz ao povoado. Ponciá, enfim retorna às águas de origem, como observa Aline Arruda:

Assim, a procura de Ponciá termina numa clara referência aos orixás africanos, em especial a Oxum, que é a orixá das águas doces e que, em uma das histórias que a envolve, é descrita como uma mulher que procurava ter sucesso na vida. Em outra história, que narra a criação do mundo, ela usa seu poder sobre a fecundidade para esterilizar as mulheres dos orixás masculinos quando estes não queriam dividir o poder com elas (ARRUDA, 2007, p. 58).

Esse desfecho surreal sugere o movimento de resgate da condição primordial de Ponciá com os seus antepassados, refugiando-se no espaço da memória. Assim, “Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver” (P.V., p. 125). Identificava-se como parte integrante dos africanos, “Desfiava os fios retorcidos de uma longa história” enquanto o no céu surgiu o angorô, arco-íris, denotando, em Ponciá o “elo de uma memória reencontrada pelos seus” (P.V., p. 128).

Imani: o grito silencioso da mulher africana



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Na “Nota Introdutória” a *Mulheres de cinzas*, primeiro romance da trilogia intitulada “As areias do imperador”, Mia Couto (1955) escreve: “Esta narrativa é uma recreação ficcional inspirada em factos e personagens reais” (COUTO, 2015, p. 15)³. Trata da guerra de resistência do rei de Moçambique, Ngungunyane, último líder do Estado de Gaza, derrotado em 1895 pelos portugueses, sob o governo de Mouzinho de Albuquerque. O narrador vai traçando um perfil do colonizado, pelo viés da jovem nativa, de quinze anos que, por dominar a língua portuguesa, torna-se intérprete do sargento Germano de Melo, junto aos nativos. A proximidade entre mundos tão extremos provoca em ambos uma cumplicidade, mais que em questões da guerra, também no plano afetivo. Sutilmente, na trama ficcional, intercala-se, nas páginas do diário de Imani e nas cartas de Germano, um relato sobre os desastrosos efeitos da guerra sobre a terra, cultura e história de vida pessoal e coletiva.

Devido à exiguidade de tempo e espaço, aqui se destacarão alguns aspectos desse olhar com que Imani captura impressões, detalhes da experiência traumática da guerra. Nesse contexto, as entrelinhas da narrativa sugerem ao leitor reflexões sobre memória e identidade cultural, consciência nacional, étnica, resgatando crenças, valores e a sabedoria de sua tribo.

Ao apresentar-se ao leitor, a jovem VaChopi já afirma que seu próprio nome lhe fora conferido pelo pai, após sucessivas consultas aos espíritos, traçando-lhe uma sina – a de ser uma constante indagação:

Chamo-me Imani. Este nome que me deram não é um nome. Na minha língua materna “Imani” quer dizer “*quem é?*”. Bate-se na porta e, do outro lado, alguém indaga:

– *Imani?*

Pois foi esta indagação que me deram como identidade. Como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta (MA, p. 15).

³ As demais citações desta obra terão, no corpo do trabalho, a seguinte referência: (MA, p. ...).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Aí se delinea a trajetória existencial errante, inquiridora, de uma jovem sem identidade própria, envolvida entre mundos em conflito pela ambição do poder, que afetava até o próprio chefe da família: “Atribuir um nome é um ato de poder, a primeira e mais definitiva ocupação de um território alheio. Meu pai, que tanto reclamava contra o império dos outros, reassumiu o estatuto de um pequeno imperador” (MA, p. 17).

Assim, Imani, sem outra opção, submete-se à condição que lhe fora imposta: “[...] não nasci para ser pessoa. Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma. Sou negra, sou dos VaChopi, [...]” (MA, p. 17).

Mas pelo domínio da palavra escrita, pelos registros de sua leitura crítica da realidade que a envolve, sutilmente o narrador vai moldando a consciência identitária dessa personagem, atribuindo-lhe o protagonismo de uma História feita “recreação ficcional”.

A consciência étnica

Benedict Anderson, em *Nação e consciência nacional*, refere-se à ideia de nação como uma “comunidade imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (ANDERSON, 1989, p. 14) e destaca o uso do possessivo “nosso” como registro identitário do indivíduo com sua nação, a sua integração em um “corpo representativo” (1989, p. 41). Desse modo se expressa a vaidade de pertencer a tal nação, da qual, segundo Anderson, “emerge uma consciência de conexão [...] sobretudo quando todos compartilham de uma única língua-estado” (ANDERSON, 1989, p. 66).

Assim Imani sempre se refere ao seu povo, a cada narrativa da própria trajetória, rememorando fatos, ensinamentos e crenças dos VaChopi, tendo como referencial palavras e histórias familiares – preciosa herança ancestral . O próprio discurso narrativo da jovem traz a entonação poética das lendas e mitos primordiais.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Os sucessivos capítulos, recebem um título poético, sempre referindo-se ao universo cultural e místico dos VaChopi. Por exemplo, o capítulo inicial, intitulado “Desenterradas estrelas”, a jovem fala do ritual, a cada manhã, em que sua mãe, com uma peneira na mão, recolhia estrelas, enterrava-as por trás da casa, no “cemitério de criaturas celestiais” (MA, p. 14). Apresenta a mãe como guardiã da preciosa herança cultural da família: “Por motivo desse património, nós não éramos pobres. Assim dizia a nossa mãe Chikazi Makwakwa. Ou simplesmente a *mame*, na nossa língua materna” (MA, p. 14).

Imani também apresenta o velho pai, Katini, o único na aldeia a usar botas, como chefe tribal derrotado, avesso à guerra, mas que não se rendia. Imerso nas crenças e tradições, sustentava-se em rituais sagrados, como no episódio em que ela o encontra a escrever no solo nomes de todos os que morreram na guerra. Invocava-lhes a proteção, mas também registrava sua denúncia inconformista.

Ao narrar seu primeiro encontro com o sargento Germano de Melo, Imani o identifica como “o sargento que escutava rios”. Admira-se de ouvi-lo dizer que, em Portugal, “Claro que há rios, só que deixámos de os escutar” (MA, p. 63). Na aldeia Nkokolani, era um lugar comum que “os rios nascem no céu e cruzam a nossa alma como a chuva atravessa o céu” (MA, p. 63). E assim, Imani aprendia a viver na fronteira entre duas culturas tão distintas.

Imani descreve os traumas da guerra, que semeia medo, divisão e perdas sucessivas vividas nas famílias, como o recrutamento e abandono do lar, pelos mais jovens e ambiciosos por ganhar o mundo. Até o avô, Tsangatelo, partiu para trabalhar nas minas dos ingleses, como uma forma de suicídio, para não assistir à morte de seu povo, devastado pela guerra.

O discurso poético de Mia Couto apresenta-se, pois, como proposta de resistência e ressignificação da identidade moçambicana, sob o olhar pós-colonialista, que, segundo Stuart Hall, suscita sempre novas perspectivas:

Sempre soubemos que o desmantelamento do paradigma colonial faria emergir das profundezas estranhos demônios, e que esses monstros viriam arrastando todo tipo de material subterrâneo.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Contudo, as guinadas, saltos e inversões na forma como o argumento tem sido conduzido nos devem alertar para o sono da razão que vai além da Razão, para a maneira como o desejo brinca com o poder e o saber, na perigosa aventura de pensar no limite ou além do limite (HALL, 2003, p. 126).

Imani e Ponciá e a diáspora de um povo

Em ambas as obras, os protagonistas vivem a experiência da dispersão. Em *Mulheres de cinzas*, a mãe de Imani sonhava em regressarem à antiga aldeia dos ancestrais, no litoral de Moçambique, de onde haviam saído por causa da guerra. Observa a jovem: “Nós, os VaChopi, somos os poucos dos que habitam as terras da coroa...” (MA, p. 17).

A figura mística e enigmática da mãe apresenta-se como interlocutora junto aos ancestrais: “Nesses noturnos delírios comandava a família numa jornada sem fim, atravessava pântanos, riachos e quimeras. Regressava à nossa antiga aldeia onde nascêramos junto ao mar” (MA, p. 18).

Esse sentimento de apego, saudade e desejo de voltar para a terra de origem explicita a experiência da migração do povo africano. Fugindo da guerra, muitas tribos, por ambição de seus chefes e colonizadores, tiveram que deixar sua terra de origem e referência. Assim subjugados e impotentes, os VaChopi refugiavam-se heroicamente em seu mundo místico, primitivo.

Aline Arruda denomina “diáspora interna” à itinerância de migração de Ponciá para a cidade, “[...] a viagem de Ponciá e de tantos brasileiros dentro do seu próprio país em busca de uma vida melhor. A passagem em que jovem viaja de trem para a cidade confirma essa associação” (ARRUDA, 2007, p. 48). Entretanto, chama atenção para o aspecto inverso dessa experiência de diáspora africana:

Embora muito diferentes, a migração dos africanos, personalizados no romance de Evaristo, se difere daquela que acontece com seus descendentes ainda hoje. Enquanto a primeira viagem levava os africanos da condição de liberdade para a de



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

escravizados, a segunda é marcada pela fuga da condição de mercadoria em direção à liberdade, em busca da reconstrução da identidade perdida. A procura da personagem simboliza isso. A condição herdada de seus ancestrais e entranhada na menina negra desde antes do seu nascimento, dá a ela a coragem de mudar de vida, de (ARRUDA, 2007, p. 53).

Assim também na obra de Mia Couto, Imani, na última de suas anotações, reafirma que, mesmo que os seus sejam dispersos e saqueados, ela se ocupa em resgatar e resguardar as águas da memória, pela escrita:

Esta é a história dos rios. Poderão roubar a sua água até secarem. Mas não roubarão a sua história. Agora entendo: aprendi a escrever para melhor relatar o que vivi. E nesse relato vou contando a história dos que não têm escrita. Faço como meu pai: Na poeira e na cinza escrevo os nomes dos que morreram. Para que voltem a nascer das pegadas que deixamos (MA, p. 342).

Assim, Imani faz de seus escritos um grito por libertação, a ponto de acordar os antepassados. Mais do que libertar-se de ser uma mulher sem nome, vazia, um “desembrulho” (MA, p. 19), assim sonha ver liberto seu povo colonizado, sem a terra estigmatizada e a água roubada dos rios.

Considerações finais

O Brasil é considerado o segundo país no mundo com maior número de afrodescendentes, sendo indiscutível a presença da africanidade em sua formação e identidade étnico-cultural. Entretanto, desde sua colonização, evidenciou-se, ao longo da história nacional o que Zilá Bernd denomina como um: “[...] brutal processo de aniquilamento das especificidades das primeiras nações” (BERND, 2003, p. 26), tanto da cultura afro-brasileira, quanto a indígena, como



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

se, por uma progressiva perda da memória, a nação devesse submeter-se, aculturar-se e render-se ao domínio europeu. Graças às vozes d'África que vêm ressoando, resistindo, entre sangue e lágrimas, ações, gestos e palavras, têm-se realizado conquistas significativas em favor do resgate e da conscientização da sociedade, em reconhecimento da riqueza híbrida e múltipla da nação brasileira. Tanto se deve às raízes africanas e tanto se tem a assimilar de seu potencial humano, linguístico-cultural!

O texto literário faz-se lugar privilegiado de confluência da multiplicidade de vozes, consciências, anseios e esperanças, tecendo ficção e realidade, trançadas como uma corda, até que não se distingam os fios dos dedos, o imaginário dos fatos.

Nas obras de Conceição Evaristo e de Mia Couto, o leitor é convocado a participar dessa arte de tecer a vida, pelo olhar atento e delicado das mulheres Ponciá e Imani, em suas histórias de vida. Ao colocarem em cheque questões sobre a condição feminina, poder e subalternidade, trazem à tona a atual realidade, ainda tão exigente de mudanças. Sugerem-se como um valioso instrumento pedagógico, inclusive, para um estudo transdisciplinar, envolvendo História, Sociologia, Educação Artística, Psicologia, dentre outros conteúdos.

A Literatura hoje e sempre incomoda, provoca e convoca a sociedade. Os artistas, antenas da raça, hoje vêm desafiar a nós, leitores de tantas histórias de vida e de povos, a deixar o papel de meros expectadores dos tantos desmandos e interesses que ameaçam indivíduos e a nação. O país e no mundo vivem hoje a ameaça autoritária de retrocesso, contra a democracia, como por exemplo, a imposição, no Brasil, da PEC 55, extinguindo, inclusive, a obrigatoriedade do ensino de cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

Aqui, a Literatura vem questionar a realidade. Seria admissível, no contexto de mundo atual, depois de tantas conquistas alcançadas, que os que detêm o poder provoquem o retrocesso e a ruptura contra a justiça e a dignidade do povo, em favor de interesses de poucos?



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Pelas lições de Imani e Ponciá muito se tem a aprender, revisitando a memória, as crenças e os mitos, para que se recuperem, na História, no trançado da vida, os valores, a dignidade de povos e culturas tão caros à formação da nação.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. Dissertação de Mestrado. Orient.: Prof. Doutor Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline_alves_arruda_texto.pdf?sequence=1>.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRG Editora, 2003.
- COUTO, Mia. *Mulheres de cinzas: as areias do imperador – uma trilogia moçambicana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Livro 1.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. Disponível em: http://www.passeiweb.com/estudos/livros/poncia_vicencio. [2015]. (Acesso em: 02-11-2016).
- _____. *Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção*. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf. (Acesso em: 19/10/2016).
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. Col. Polêmicas do Nosso Tempo, 4.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Organização e apresentação da edição brasileira por Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.